



**MÃE, AINDA MULHER: UMA NARRATIVA SOBRE A IMBRICAÇÃO DOS PAPÉIS
E AS FORMAS DE EXISTÊNCIA DE UMA MULHER-MÃE NA PANDEMIA**

***Mother, still woman: a narrative about the relation of roles and forms of existence
of a woman-mother in the pandemic***

Bárbara Ferreira de Freitas (UFPB)
Mestre em Estudos Interdisciplinares em Gênero, Mulheres e Feminismo,
PPGNEIM – Universidade Federal da Bahia, Brasil.
Email: barbaraferreiradefreitas@gmail.com

Áltera, João Pessoa, v. 1, n. 10, p. 433-440, jan./jun. 2020

ISSN 2447-9837

RESUMO:

No texto construo uma narrativa sobre a vivência da maternidade durante a pandemia da covid-19 com o objetivo de traduzir as estratégias utilizadas por esta mulher-mãe, cis e branca para existir enquanto mulher-indivíduo diante dos trabalhos de cuidado e das transformações do espaço doméstico em escritório para o exercício das atribuições do trabalho remunerado. Para isso, exponho e questiono as contradições da dialética entre opressões e privilégios desse contexto.

PALAVRAS-CHAVE:

Pandemia. Maternidade. Estratégia de existência.

ABSTRACT:

In this essay, I build a narrative about the experience of motherhood during the Covid-19 pandemic. My objective is to reflect upon the strategies used by this mother-woman, cis and white person in the face of work of care and the transformation of the domestic space into home-office. For this, I expose and question the contradictions of the dialectic between oppressions and privileges in this context.

KEYWORDS:

Pandemic. Motherhood. Strategies of existence.



Da janela, alguns latidos distantes, poucas luzes, carros e raramente ouço passos daqueles que, quando se arriscam a sair, têm o medo estampado na face. Entre madrugadas silenciosas, tenho o único momento verdadeiramente sozinha. No silêncio que se instaurou desde o início da quarentena, pergunto-me se ainda há um eu dentro deste corpo social ou se restou apenas a mãe do Miguel. Nesta narrativa, a partir de pedaços escritos durante os 72 dias de distanciamento físico¹, eu, Bárbara, mulher-cis-branca-lésbica, exponho incômodos que transbordam sobre os papéis maternos e as estratégias traçadas para (re)existências do eu-mulher, quando papel e caneta se tornaram aliados.

Importante observar que as vivências maternas são diversas. Não há uma forma, receita ou modelo de mãe, mas há construções sociais que traduzem trajetórias que ocupam dimensões distintas e produzem especificidades na pandemia, momento em que, apesar das dificuldades do confinamento, eu ter um espaço seguro para me manter isolada é um privilégio de classe e de raça. Nesse contexto, temos mães que, dentre outras: estão separadas de seus filhos para não contaminá-los; são mães solo e estão confinadas sozinhas com seus filhos; não têm casa para viver a quarentena, proteger a si e aos filhos; estão sendo violentadas pelos companheiros; perderam o trabalho e não podem manter a subsistência dos filhos; perderam seus filhos durante a quarentena.

Neste tempo de quarentena, ininterruptamente fui delegada compulsoriamente a suprir todas as necessidades de existência de uma criança de cinco anos, que até compreende o que é um vírus, mas não as dimensões da pandemia de covid-19. A rotina que já era exaustiva agora se desenvolve inteiramente no interior da casa, aquele local que, para muitos, quando adentram, é sinal de que o trabalho se encerrou e o descanso os espera, a casa representa tranquilidade. Só que na vida materna a casa é sempre local de trabalho, pois todas as atividades necessárias à reprodução da vida, responsabilidade socialmente imposta às mulheres, são intensivas, extensivas e intermináveis (ÁVILA, 2009).

Para as mulheres mães, as atividades domésticas e o cuidado dedicado ao(à)

¹ Opto pelo uso do termo distanciamento físico, pois durante a pandemia continuam a se desenvolver outros formatos de interações sociais, mesmo que virtualmente.



filho(a) constituem obrigações, pois há um ser que depende inteiramente de você, não há a opção de deixar para amanhã, ou escolher dormir em vez de preparar a comida dele. As nossas ‘escolhas’ implicam na sobrevivência de outro ser, não há opções ou liberdade. Cabe atentar que a reprodução social e, especificamente, o trabalho doméstico se configuram de formas diferentes no contexto da pandemia, a partir das categorias raça, classe, gênero, sexualidade, território, geração, maternidade, conjugalidade, dentre outras.

O cansaço materno não se dissipa naquelas poucas horas após o trabalho, com alguns minutinhos de sono, é uma sensação constante que invade, transpassa o físico, chega à mente e ocupa cada célula do corpo. Acontecem lapsos de criatividade intelectual, mas produzir academicamente é possível apenas com o aparato da rede de cuidados, composta por outras mulheres, avós, tias e companheiras que se revezam quando os prazos batem à porta: o apoio permanente das aliadas. Percebam, a produção livre é inexistente, temos que parir a fórceps a escrita naquelas duas horas em que terceiras se dispuseram ao cuidado. Como escrever em quarentena? Talvez, sobre maternidade e pandemia.

Mas por que não consigo, se todos estão aproveitando o tempo para fazer cursos, escrever artigos e colocar as demandas em dia? É nesse momento que questionamos a nossa capacidade intelectual, profissional, os sentidos do trabalho e do próprio ser mulher-feminista-militante-pesquisadora, pois, para o capitalismo, especialmente na sua versão neoliberal, onde todos os espaços da vida são transformados em mercadoria, produzir menos é valer menos. Como a produção do conhecimento é um trabalho, mas é reconfigurado no sistema que estrutura nossa vida, o capitalismo determina a temporalidade da criação, levando-nos a produzir em momentos inapropriados. Observa-se que as condições de produção influenciam na qualidade e quantidade dos trabalhos, algo que é utilizado como parâmetro de medição na academia, pois não conhecemos a produção para além dos signos capitalistas.

Construo essas linhas durante os momentos de sono do Miguel. O amanhecer dele é com o raiar do sol e, tendo na quarentena apenas minha companhia, a mãe, nos primeiros sinais de luzes eis que uma vozinha me cochicha: “- Mãe, acorda, já é dia. Vamos brincar!” E quando não é dia, para as mães? Ainda sonolenta, desviando



dos brinquedos espalhados no chão, chegamos à cozinha e temos: uma pia acumulada, fogão sujo e geladeira dando sinal de que precisamos ir à feira.

Além do contexto de pandemia temos que lidar com a contradição das informações vindas do Estado, que funciona como propulsor de angústias. Em meio à crise político-institucional, a relação fissurada entre os Poderes, a propagação de *fake news*, segundo o pouco que podemos saber de instruções de saúde, tendo como fonte a Organização Mundial de Saúde, entendi que componho o grupo de risco das pessoas que têm doenças crônicas, tenho asma, necessitando ainda mais atenção para não ser contaminada.

Mas você já imaginou como é a ida ao supermercado com uma criança que está há meses sem o gasto comum de energia para a idade? À porta de casa, repito a explicação do que é o vírus. Pacientemente demonstro que não pode tocar em nada; utilizo a brincadeira que a blogueira materna indicou (“Quem tirar a mão do cabelo perde”) e passo álcool em gel a cada minuto. Cuidar de mim, cuidar dele, brincar com ele e não esquecer do que vamos comprar. Já era o 44º dia de confinamento. Entramos no mercado, dois segundos de distração enquanto olhava a validade do produto, eis que o Miguel pôs a mão no rosto. Na exaustão, instintivamente grito: “- Filho, se você pegar o vírus você morre, entendeu? Morre!” Horas depois, na chamada de vídeo com o pai: “- Pai, a mamãe disse que vou morrer porque eu cocei o nariz”.

O resultado dessas e outras saídas foram noites sem dormir a cada vez que imaginava que ele poderia se contaminar. Fico entre a angústia do medo e a da ansiedade, que por vezes se misturam, quando da tentativa sempre falha de seguir, junto de uma criança, os rituais de limpeza e proteção para não sermos contaminados. Somente quando percebi que independentemente do que fizéssemos, na companhia do Miguel, sempre cometeria algum deslize na execução das instruções, as sensações amenizaram. Mas não a culpa. Esta as mães ganham no beta positivo e, por certo, só se livrem na certidão de óbito.

Todas as atividades realizadas para formar um ser humano, apesar de serem colocadas na conta do amor feminino essencializado, são trabalhos não pagos (FERREIRI, 2019). O mito do amor materno é diabólico, condena-nos a um papel exclusivo de cuidadoras, exclui-nos do espaço público e nos dá o privado, responsabilidade e



destino (BANDITER, 1985). O resultado é, durante a pandemia, estarmos na linha de frente do cuidado e na retaguarda, à medida que executamos o cuidado e providenciamos condições para os que cuidam. Então, se cuidar como dádiva e felicidade é sinônimo de amor, eu não o amo? É aqui que tem origem a culpa que as mães carregam a qualquer ato fora do padrão que a sociedade lhe reserva.

Eu amo meu filho, só que não sou só amor materno, ele não me traduz por inteiro, nem preenche, nem é o único motivo da minha existência, nem o motivo de realização, com plenitude divina, do trabalho de cuidado, especialmente o doméstico. Conhecer e entender essas questões é o primeiro passo. Resta traçar táticas para existir nos outros espaços da vida social.

Voltamos ao *home*, sem *office*. O trabalho foi transferido para casa e, não importa qual a sua configuração familiar, há prazos, tarefas e uma equipe a gerir. São recorrentes relatos de que o *home office* trouxe aumento do trabalho e a queda da produtividade, mas isto se aplica para aqueles(as) que têm possibilidade de continuar produzindo. Para nós, mães, na guerra pelo tempo, qualquer horário menos ocupado é tempo de trabalhar.

Com a pandemia, a sobrecarga na reprodução se potencializou, à medida que os papéis do conjunto de atores sociais responsáveis pela vida da criança foram transferidos para a figura materna. Então, prover alimentação, prazer, diversão, estímulos para desenvolvimento e tarefas escolares ficou a cargo das mães. Entretanto, na responsabilidade social da reprodução, que ainda não é consensualmente entendida como tal, há três atores que ganham com a execução do trabalho doméstico pelas mulheres: a sociedade civil, o Estado e as empresas. E é nesse momento de ausência das estratégias de cuidado que o Estado e as empresas são fundamentais para a sobrevivência e o não contágio das mulheres e dos seus filhos, seja garantindo que as mulheres não percam seus empregos, ou providenciando formas que possibilitem a permanência dessas mulheres, junto a seus filhos, com segurança e em casa, como, por exemplo, a efetivação da renda básica universal.

Afinal, seria possível falar de uma existência para além da reprodução social que a maternidade impõe, no contexto da pandemia, diante das sobrecargas dos trabalhos de cuidados?



Alguns dias deixo tudo de lado: o almoço é biscoito e o jantar, pipoca; a criança alterna entre televisão e joguinhos virtuais; não cobro a tarefa do ensino virtual da escola; ou, mesmo em risco, deixo alguns dias na casa da avó materna. Nesse contexto, encaixo uma reunião do trabalho, faço pareceres em processos, leio e escrevo inquietudes. Artimanhas necessárias para o equilíbrio e a manutenção da saúde mental.

Para existir enquanto mulher, para além das obrigações maternas, foi preciso a reinvenção do ser, estratégia possível apenas pela terceirização do cuidado do Miguel e dos meus privilégios de classe e de raça. Entender a produção para além da engrenagem das mercadorias, mas a produção de felicidade a partir da construção do tempo fora da lógica mercadológica de cobrança, pois o tempo despendido na criação e formação de seres humanos é tempo útil e precisa ser valorado, visibilizado e remunerado. Para isso, precisa ter espaço para ser vivido de forma livre, não como único desejo da existência da mulher. Mesmo assim, nos dias de ausência para ter um tempo viável ao trabalho, à produção acadêmica ou ao descanso, ressoa no ouvido a última chamada de vídeo com meu filho: “- Mas mãe, eu queria dormir agarradinho com você”.

Respiro. Entre angústias, culpas e consciência de classe, sigo na constante reafirmação que não é apenas nossa responsabilidade a manutenção da vida do meu filho, e para ser mãe, também preciso existir para nós. Ter consciência disso talvez seja o primeiro passo, pois, todas essas condições que exploram meu trabalho, enfrentadas também pelas mulheres mães, em suas especificidades, no espaço privado, ensinam estratégias de sobrevivência potencialmente organizativas e de transformação social.

REFERÊNCIAS

BANDITER, Élizabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FEDERICI, Sílvia. **O ponto zero da Revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista**. São Paulo: Elefante, 2019

ÁVILA, Maria Betânia de Melo. **O tempo do trabalho das empregadas domésticas: tensões entre dominação/exploração e resistência**. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

Recebido em: 31/05/2020.
Aceito para publicação em: 20/07/2020.

